

TERCEIRO NÍVEL DE SELEÇÃO

HÉLIO JOSÉ GUILHARDI¹

Aproximou-se, cuidadoso com seus passos, do banco de jardim. Sentou-se. Trazia na mão um pão. Estava dividido em duas metades que, mal ajustadas, me sugeriram que pelo menos alguma manteiga ali passaram. Na outra mão um copo com uma “média” escura. Tomou um gole e acomodou o copo a seu lado sobre o banco. As roupas, o cabelo desalinhado, o identificavam: morador de rua. Sentado, mordeu o pão.

Outro morador de rua se aproximou, movendo-se lentamente, mancando numa de suas quatro patas. Um simpaticão... Olhou para o pão. Esperou. Não demorou. O segundo pedaço de pão foi arrancado com a mão e jogado no chão perto do focinho do recém chegado companheiro. Não há melhor termo: companheiro, *cum panis* (latim), aquele com quem compartilho o pão. Sem pressa, o cão se levantou e abocanhou seu bocado. A sequência se repetiu. Ambos comeram meio pão. O café da manhã assim se encerrou!

Pode-se falar em terceiro nível de seleção entre organismos não iguais? Do meu ponto de vista, sim. O que define o terceiro nível é o sentimento – de satisfação, neste caso – que um sente por propiciar o bem ao outro. Sem nenhum ganho adicional!



¹ agosto/2014